

DEZEMBRO
2018

RELATÓRIO ECONÔMICO

ÍNDICE

01

Indicadores Financeiros

Pág. 3

02

Projeções

Pág. 4

03

Cenário Externo

Pág. 5

04

Cenário Doméstico

Pág. 6

05

Renda Fixa e Renda Variável

Pág. 7

01 INDICADORES FINANCEIROS

BOLSA DE VALORES

AMÉRICAS		mês %	ano %	2017
Ibovespa Fech.	87.887	(1,8%)	15,0%	26,9%
IbRX Fech.	36.491	(1,3%)	15,4%	27,5%
ISE	3.109	0,4%	9,9%	17,4%
S&P500	2.507	(9,2%)	(6,2%)	19,4%

EUROPA

DAX	10.559	(6,2%)	(18,3%)	12,5%
FTSE	6.728	(3,6%)	(12,5%)	7,6%
CAC	4.731	(5,5%)	(11,0%)	9,3%
IBEX	8.540	(5,9%)	(15,0%)	7,4%
Euro Stoxx 50	3.001	(5,4%)	(14,3%)	6,5%

PAN ÁSIA

Nikkei	20.015	(10,5%)	(12,1%)	19,1%
Hang Seng	25.846	(2,5%)	(13,6%)	36,0%
Austrália	5.646	(0,4%)	(6,9%)	7,0%
Coréia do Sul	4.210	(3,6%)	(18,3%)	26,4%
Índia	10.863	(0,1%)	3,2%	28,6%

OUTROS MERCADOS

MOEDAS		mês %	ano %	2017
BRL/USD	3,87	0,2%	17,1%	1,8%
BRL/EUR	4,45	1,7%	11,8%	16,0%
USD/EUR	1,15	1,3%	(4,5%)	14,1%
YEN/USD	109,69	(3,4%)	(2,7%)	(3,7%)
USD/AUD	0,70	(3,5%)	(9,7%)	8,3%

JUROS BRASILEIROS

	dez/18	2018	2017
Futuro de DI jan/18	6,89	6,89	6,89
Futuro de DI jan/19	6,40	6,40	6,87
Futuro de DI jan/21	7,36	7,36	9,06
Futuro de DI jan/22	8,08	8,08	9,66

COMMODITIES

Petróleo	45,41	(10,8%)	(24,8%)	12,5%
Ouro	1.282,49	5,1%	(1,6%)	13,5%

02 PROJEÇÕES ECONOMIA

INDICADORES MACROECONÔMICOS
BRASIL

	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	PROJEÇÕES	
								2018	2019
ATIVIDADE ECONÔMICA									
PIB, crescimento real (%)	4,0	1,9	3,0	0,5	(3,5)	(3,5)	1,1	1,3	3,0
Taxa de Desemprego, média anual (%)	7,7	7,3	7,2	6,8	8,3	11,3	12,8	12,1	11,2
INFLAÇÃO E TAXA DE JUROS									
Inflação (IPCA/IBGE) (%)	6,5	5,8	5,9	6,4	10,7	6,3	2,9	3,7	4,4
Inflação (IGPM/FGV) (%)	5,1	7,8	5,5	3,7	10,5	7,2	(0,5)	7,5	5,0
Taxa de juro nominal, final do ano (Selic)	11,00	7,25	10,00	11,75	14,25	13,75	7,00	6,50	8,00
TAXA DE CÂMBIO E CONTAS EXTERNAS									
Taxa de câmbio média (R\$/US\$)	1,67	1,95	2,16	2,35	3,34	3,48	3,19	3,65	3,89
Taxa de câmbio final (R\$/US\$)	1,88	2,04	2,34	2,66	3,90	3,26	3,31	3,87	3,90
Saldo da Balança Comercial (US\$ bi)	30	19	2	(4)	20	48	64	58	49
Saldo em conta corrente (% do PIB)	(2,9)	(3,0)	(3,0)	(4,2)	(3,3)	(1,3)	(0,3)	(0,6)	(1,3)
Investimento direto no país (% do PIB)	3,9	3,5	2,8	3,9	4,1	4,4	3,3	4,3	4,2
FISCAL									
Resultado primário do setor público (% do PIB)	2,9	2,2	1,7	(0,6)	(1,9)	(2,5)	(1,7)	(1,8)	(0,6)
Dívida bruta do governo geral (% do PIB)	51,3	53,7	51,5	56,3	65,5	70,0	74,0	77,5	78,7
GLOBAL									
PIB, CRESCIMENTO REAL (%)									
Estados Unidos	1,6	2,2	1,7	2,6	2,9	1,5	2,3	2,9	2,2
Zona do Euro	1,6	(0,9)	(0,2)	1,3	2,1	1,8	2,5	1,9	1,4
China	9,5	7,9	7,8	7,3	6,9	6,7	6,9	6,6	6,0
Japão	(0,2)	1,5	2,0	0,4	1,4	0,9	1,6	1,0	0,8

Fontes: IBGE, BCB, Tesouro Nacional, BEA, Eurostat, NBS, ESRI

03 CENÁRIO EXTERNO

DESAQUECIMENTO EM PROGRESSO

Os sinais de desaceleração no ritmo de crescimento da economia mundial seguem se intensificando.

Diversos fatores podem estar por trás desse momento desfavorável do crescimento mundial.

Primeiramente, a política monetária executada pelos bancos centrais das principais economias desenvolvidas tem se tornado cada vez menos expansionista. Nesse contexto, podemos destacar o Banco Central americano (Fed), que tem elevado gradualmente a taxa de juros desde dezembro de 2015 e o Banco Central europeu, que encerrou no final de 2018 o seu programa de compra de ativos.

Como consequência dessas condições monetárias mais apertadas, o custo de crédito deverá aumentar e, conseqüentemente, levar a um menor ritmo de expansão da atividade ao longo dos próximos trimestres. Alguns sinais incipientes desse fenômeno já podem ser observados em dados do mercado imobiliário de algumas economias desenvolvidas, que apresentaram resultados mais desfavoráveis nos últimos meses.

Além das condições monetárias mais apertadas, outro relevante fator de risco para a atividade global são os desenvolvimentos decorrentes da guerra comercial. Desde o acirramento das questões comerciais entre EUA e China, temos observado quedas relevantes no nível de encomendas para exportação recebidas pelas empresas chinesas, o que por sua vez, tem levado a uma produção industrial mais fraca no país.

Estes indícios de desaceleração nos EUA e na China acabam por afetar o sentimento econômico em todo o mundo, dada a forte conexão comercial e financeira entre os países.

Devido a isso, durante o mês de dezembro/18, indicadores de confiança ao redor de todo o globo voltaram a apresentar queda e, na esteira desses dados mais fracos, as bolsas de valores ao redor de todo o mundo também tiveram um desempenho bastante desfavorável.

Dado todo este panorama descrito acima, esperamos que o PIB mundial passe de 3,7% em 2018 para 3,1% em 2019.

04 CENÁRIO DOMÉSTICO

OTIMISMO COM CAUTELA

Nossas perspectivas para a economia brasileira seguem otimistas, mas ainda vemos motivos para cautela.

Por um lado, as sinalizações de política econômica emitidas pelo novo governo do país têm sido bastante positivas, pois reforçaram o comprometimento com a disciplina fiscal, dando prioridade elevada para a aprovação da reforma da Previdência. Tais direcionamentos parecem ter reanimado a confiança dos agentes econômicos, que apresentou fortes altas em novembro/18 e dezembro/18, atingindo os níveis mais altos desde 2014.

Acreditamos que um progresso contínuo no encaminhamento das reformas fiscais fará com que esse ambiente de confiança mais elevada se sustente. Isso, combinado com as condições monetárias extremamente frouxas que vigoram atualmente, levará a um crescimento mais acelerado neste ano. Nossa projeção aponta para um PIB expandindo 3,0% em 2019.

Todavia, uma boa dose de cautela é necessária, dado que o novo governo necessitará de um grande apoio do Congresso para entregar a agenda econômica proposta. Tal habilidade política ainda precisa verificada e isso poderá trazer momentos de volatilidade ao longo do ano.

Apesar de esperarmos um crescimento econômico mais forte, nossas perspectivas ainda apontam para uma inflação bem-comportada neste ano. O motivo por trás disto é a elevada capacidade ociosa vigente na economia, o que detém uma aceleração expressiva

nos preços, mesmo em um cenário de atividade mais forte. Para 2019 esperamos uma inflação de 4,4%, número apenas um pouco superior ao registrado em 2018.

Dada a nossa visão para atividade e inflação, acreditamos que o Banco Central do Brasil será capaz de sustentar a taxa de juros nos patamares atuais por um período prolongado. Nossas projeções atuais apontam para uma taxa Selic estável em 6,5% até o 3T19. A partir daí, no entanto, acreditamos que a recuperação da atividade já estará mais consolidada, o que induzirá a autoridade monetária a elevar os juros, a fim de evitar que a inflação ultrapasse o centro de meta em 2020. Consequentemente, esperamos que a taxa de juros encerre 2019 em 8,0%.

Em linhas gerais, as perspectivas para o Brasil em 2019 são favoráveis, mas os riscos de execução da agenda econômica, além do cenário internacional mais desafiador, demandam alguma cautela por parte dos investidores.

05 MERCADO

Renda Fixa

Terminamos o ano com sinais de desaceleração da atividade global. Nos EUA, o último relatório de emprego trouxe criação de vagas aquém do esperado, enquanto o desemprego permaneceu estável em patamares historicamente baixos. O Fed elevou a taxa básica de juros, conforme esperado pelo mercado, porém surpreendeu no comunicado ao demonstrar preocupação com o ritmo de crescimento da economia para os próximos trimestres. Na Europa as dificuldades políticas permaneceram, em especial com a indefinição do Brexit, ainda que Theresa May tenha conseguido um voto de confiança de seu partido. A economia chinesa continuou mostrando sinais de desaceleração, assim como observado nos últimos indicadores de produção industrial e vendas no varejo. Por fim, a

combinação de todos esses fatores pesou negativamente na performance mensal dos ativos de risco, especialmente para as bolsas de valores.

Enquanto isso, no Brasil, o Banco Central manteve a taxa de juro estável, no menor patamar histórico, reafirmou o compromisso com a inflação e as expectativas ancoradas. Pelo lado da atividade, o ritmo de crescimento do PIB poderá acelerar no ano que se inicia a depender da aprovação de reformas econômicas que visem a melhoria das contas públicas e a contenção dos gastos públicos. Por fim, a performance dos ativos brasileiros no mês foi relativamente melhor do que seus pares.

05 MERCADO

Renda Variável

Em Dezembro, o Ibovespa caiu -1.81%, em linha com outros mercados emergentes. O mês começou com o anúncio de dois importantes acordos: um entre China e Estados Unidos em relação ao trade war, e outro entre Rússia e Arábia Saudita para redução de produção de petróleo. Foram duas notícias boas para os mercados, que num primeiro momento provocaram euforia, mas numa segunda análise, o acordo entre China e EUA foi avaliado como aquém das expectativas, enquanto que o acordo de corte de produção de petróleo não foi considerado grande o suficiente para equilibrar a oferta e demanda. Ainda na mesma semana, a diretora financeira de um importante empresa chinesa foi detida por suspeitas de ter supostamente violado sanções econômicas impostas pelos EUA ao Irã, o que aumentou as tensões entre as duas potências, elevando o nervosismo dos investidores. Ainda no internacional, outros fatores elevaram a volatilidade do mercado, que atingiu níveis historicamente altos. Na Europa, enquanto os italianos entraram num acordo em relação ao orçamento do governo para o ano de 2019, os ingleses discutem, ainda sem muito sucesso, um acordo para a saída do Reino Unido da União Europeia e a França enfrentou violentos protestos pelas ruas contra os altos custos dos combustíveis. Já nos Estados Unidos, o tema que mais tem preocupado os investidores é o ritmo de normalização da política monetária. Alguns analistas têm apontado que se o FED (o banco central americano) decidir subir os juros rápido demais, as ações poderiam perder atratividade na comparação com os títulos de dívida do governo. Além disso, cada vez mais se discute se a economia americana não teria atingido o pico de crescimento no passado recente e se os próximos anos não seriam períodos de crescimento mais baixo. Ainda nos Estados Unidos, há também um impasse político em relação à destinação de recursos federais para a construção de um muro na fronteira com o México, defendida pela administração Trump. Caso não se chegue a um

acordo, o governo americano entraria em shutdown, o que significa que alguns serviços federais seriam temporariamente suspensos e os funcionários públicos responsáveis por tais serviços ficariam sem salário pelo mesmo prazo.

No Brasil, a expectativa para o começo de 2019 é positiva para grande parte dos investidores. O governo eleito tem apontado bons nomes para os cargos estratégicos e vem dando sinalizações importantes em relação ao seu comprometimento com os esforços de aprovação da reforma da previdência ainda no 1º semestre. Além disso, os níveis de confiança dos agentes econômicos seguem em alta. Apurados pela FGV, o índice de confiança do consumidor subiu 0,6% no mês, a terceira alta consecutiva, a confiança do setor de construção civil subiu 0,9%, a quarta alta consecutiva e a confiança do comércio atingiu seu maior nível desde abril de 2013 apresentando alta expressiva de 5,7% na última observação. Nessa linha, continuamos otimistas com o mercado de ações brasileiro acreditando que a combinação de juros baixos, retomada do crescimento do PIB e inflação baixa seguirão funcionando como um propulsor para o crescimento do lucro das empresas.

Em relação a performances, destacamos Gol (GOLL4, +16,20%) que se beneficiou do pedido de recuperação judicial da concorrente Avianca, e da queda do petróleo, que é o principal insumo do combustível de aviação. Destacamos também Copasa (CSMG3, +20,11%) reagindo positivamente a sinalizações do novo governo mineiro em relação a privatizações de estatais. Do lado negativo destacamos Petrobrás (PETR4, -10,92%) que sofreu com a queda do petróleo e Via Varejo (VVAR3, -15,25%) que ainda não mostrou as melhoras operacionais esperadas pelo mercado. Além disso, o Grupo Pão de Açúcar, um dos principais acionistas da empresa, vendeu uma parte de sua participação e indicou que planeja se desfazer do restante das ações durante o ano de 2019.

SANTANDER BRASIL GESTÃO DE RECURSOS LTDA.
Avenida Presidente Juscelino Kubitschek, 2.041, 18º andar
São Paulo - SP - Brasil - 04543-011
Telefones: 55 11 4130-9208 / 4130-9209 / 4130-9201
E-mail: asset.atendimento@santanderam.com

www.santanderassetmanagement.com.br

As informações contidas neste documento são publicadas apenas para auxiliar os usuários, podem não ser adequadas aos objetivos de investimentos específicos, situação financeira ou necessidades individuais dos receptores e não devem ser considerados em substituição a um julgamento próprio e independente do investidor. Por ter sido baseado em informações tidas como confiáveis e de boa fé, não há nenhuma garantia de serem precisas, completas, imparciais ou corretas. As opiniões, projeções, suposições, estimativas, avaliações e eventuais preço (s) alvo(s) contidos no presente material referem-se a data indicada e estão sujeitos a alterações a qualquer tempo sem aviso prévio. Este documento não é, e não deve ser interpretado como, uma oferta de venda ou solicitação de uma oferta de compra de qualquer título ou valor mobiliário. Nem o Santander e nem qualquer sociedade por ele controlada ou a ele coligada podem estar sujeitos a qualquer dano direto, indireto, especial, secundário, significativo, punitivo ou exemplar, incluindo prejuízos provenientes de qualquer maneira, da informação contida neste material. Este material é para uso exclusivo de seus receptores e seu conteúdo não pode ser reproduzido, redistribuído publicado ou copiado de qualquer forma, integral ou parcialmente, sem a expressa autorização prévia do Santander.

Fundos de investimento não contam com garantia do administrador do fundo, do gestor da carteira, de qualquer mecanismo de seguro ou, ainda, do Fundo Garantidor de Crédito - FGC. Para avaliação de performance de fundos de investimentos é recomendada uma análise de 12 meses, no mínimo. É recomendada a leitura cuidadosa do prospecto e regulamento do fundo de investimento pelo investidor antes de aplicar seus recursos.

Este material foi elaborado em nome da Santander Brasil Asset Management, e de suas sociedades controlada no Brasil, para uso exclusivo no Mercado Brasileiro, sendo destinado a pessoas físicas e jurídicas residentes no País, e está sujeito às regras e supervisão da Comissão de Valores Mobiliários e Banco Central do Brasil. Janeiro/2019.



WWW.SANTANDERASSETMANAGEMENT.COM.BR